

Projeto de Pós-Doutorado

Orientando: Renato dos Santos Belo

Supervisor: Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

Sartre e as marcas de seu tempo: investigação sobre as figuras da subjetividade e da alienação na relação entre existencialismo e marxismo

Resumo:

O chamado “encontro” de Sartre com o marxismo é prenhe de controvérsias. Uma filosofia que inicialmente flerta com a fenomenologia husserliana passa a propor uma aproximação entre as teses da filosofia da existência e o marxismo. Sartre sofrerá uma dupla recusa: terá suas teses de *O Ser e Nada* rejeitadas pelos pensadores marxistas, assim como, quase vinte anos depois, não convencerá a corrente marxista quando de sua tentativa de aproximação entre existencialismo e marxismo na *Crítica da Razão Dialética*. Essa dupla recusa é seguida por uma dupla afirmação por parte de Sartre: afirmam-se as teses presentes na obra de 1943 quando vem à luz a *Crítica* e, afirmação ainda mais radical, Sartre pretende-se fiel a Marx ainda que à revelia de seus herdeiros mais declarados. As determinações históricas e a liberdade ou, em outros termos, as figuras da alienação e da subjetividade serão a chave para a compreensão de tamanha controvérsia.

Introdução e problematização

A análise com alguma atenção da trajetória do pensamento de Sartre nos revela que o diálogo existente entre o existencialismo e o marxismo acompanha este

autor desde, pelo menos, a publicação de *O Ser e o Nada*¹ até o monumental *O Idiota da Família*² (um arco temporal, portanto, que, além de compreender quase a totalidade da obra sartriana, se inicia no conturbado período da Segunda Guerra³). Num primeiro momento, a pena de autores como Lukács⁴ e Marcuse⁵ se levanta contra as teses de *O Ser e o Nada*. Este *Ensaio de Ontologia Fenomenológica*⁶, sentencia a linha dura do pensamento marxista, não expressaria senão o núcleo mesmo do pensamento liberal, ao postular uma liberdade ontológica do homem. Sartre ignoraria não apenas os fundamentos da teoria de Marx, mas a própria história, que já dava mostras suficientes de que os ideais abstratos e formais do pensamento burguês só se efetivavam de maneira excludente, revelando a inegável presença da alienação e da opressão. A metafísica de *O Ser e o Nada* seria, assim, a-histórica. A filiação de Sartre à tradição fenomenológica alemã só poderia desembocar, dessa maneira, num indisfarçável idealismo, expressão do intelectual pequeno-burguês que ele era⁷. Lukács manterá suas severas, ainda que discutíveis, críticas a Sartre durante todo a trajetória do filósofo, Marcuse, por sua vez, admitirá a *Crítica* como uma obra

¹ Ao menos neste trabalho pela via negativa: Sartre não se posicionará em *O Ser e o Nada* acerca do marxismo, no entanto, os marxistas não se calam diante de suas teses e, posteriormente, Sartre reelaborará o marxismo sem, contudo, negar sua obra de 1943.

² Essa obra já nasceu como um desafio de compreender uma singularidade concreta muito além das possibilidades que o marxismo tradicional poderia dar conta.

³ Essa ocasião decisiva da elaboração de *O Ser e o Nada*, uma vez que se trata de um período de clivagem histórica no século XX, contrastaria, na visão de inúmeros comentadores, com a linguagem abstrata e metafísica da obra. Como bem notará Cristina Diniz Mendonça, essa obra será lida como estando, qual uma mônada leibniziana, de portas e janelas fechadas para a realidade (MENDONÇA, C. D. – *O Mito da Resistência*. Tese defendida em 2001, FFLCH/USP).

⁴ Veja-se, neste sentido, o livro de Lukács, *Existencialismo ou Marxismo?*, em que o autor defende o antagonismo entre estas duas doutrinas.

⁵ O texto intitulado “Existencialismo - Comentários a *O Ser e o Nada*”, escrito em 1948 (In: *Cultura e Sociedade*, 2), e acompanhado de um *Post-Scriptum*, em que Marcuse reabilita, a seu modo, a filosofia de Sartre, à luz da *Crítica da Razão Dialética*.

⁶ Leitura da fenomenologia husserliana nada comportada já que, para o autor de *Idéias*, a fenomenologia se dirige às coisas mesmas, quer dizer, ao conhecimento mesmo, nunca podendo se confundir com uma ontologia.

⁷ Essa recusa em se notar a presença da história em *O Ser e o Nada* é corrente entre a maioria dos comentadores do pensamento de Sartre. Exceção a esse tipo de leitura são Noudelmann (*Sartre: l'incarnation Imaginaire*) e Franklin Leopoldo e Silva (conforme trabalhos arrolados no item bibliografia).

“redentora”⁸”, sobretudo porque, em sua perspectiva, ela se afastaria das teses de *O Ser e o Nada*. Adam Schaff⁹, pensador de filiação marxista, por seu turno, recusará a solução sartriana para as deficiências do marxismo, mas aceita que o problema do indivíduo é realmente uma lacuna no pensamento marxista.

Num segundo momento, é o próprio Sartre que aborda diretamente o delicado problema da relação entre o seu existencialismo, corrente inaugurada a partir de uma leitura subversiva da doutrina husserliana¹⁰, e a pujante teoria marxista, uma interpretação totalizante da história. O texto em que Sartre abordará precisamente esse tema será aquele que precede a *Crítica da Razão Dialética*, o célebre *Questões de Método*. Numa e noutra perspectiva parece prevalecer a interpretação, corroborada pela fortuna crítica de Sartre, de que apenas a brutalidade dos acontecimentos concretos revelados pela história do Ocidente — a guerra, a ocupação, a resistência — teria sido capaz de despertar Sartre de seu sono idealista e colocá-lo em sintonia com a irrecusável potência da alienação, da opressão e da exploração, cujos signos históricos haviam encarnado e transfigurado o pensamento sartriano. A tese da existência de dois Sartres, aquele de *O Ser e o Nada* e outro da *Crítica*, emerge desta leitura. Interpretação que o próprio Sartre assentiu quando teve ocasião de avaliar seu

⁸ “Ontologia pura e fenomenologia recuam ante a efetiva invasão da história nos conceitos de Sartre, da discussão com o marxismo e da aceitação da dialética” (MARCUSE, *Cultura e Sociedade*, vol. 2, p. 82).

⁹ Este autor primeiro censurará a perspectiva sartriana para depois, admitindo a importância do problema posto por Sartre, tentar ele mesmo solucionar a questão do indivíduo no marxismo. Vejam-se, neste sentido, as obras deste autor arroladas na bibliografia deste projeto de pesquisa.

¹⁰ Sartre acertará o rumo da filosofia de Husserl em *O Ser e o Nada*, obra na qual ele pensa corrigir o fenomenólogo alemão. No entanto, já podemos notar nos primeiros textos de Sartre, aqueles anteriores à obra de 1943, seu distanciamento em relação a Husserl. Pensando ser fiel ao verdadeiro sentido da fenomenologia, cuja noção de intencionalidade será decisiva no projeto do filósofo francês, Sartre condena a nova orientação de Husserl com a publicação de *Idéias*. Aquela noção primeira de intencionalidade presente em *As Investigações Lógicas*, garante Sartre, em que a presença de um Eu transcendental era desnecessária e em que a própria consciência se unificava por si mesma no tempo, marca a grande conquista trazida pela fenomenologia, cujos avanços, pensa Sartre, seriam capazes de revolucionar não só a psicologia, mas também a própria filosofia.

itinerário filosófico¹¹. Pois bem, se as teses de *O Ser e o Nada* permaneciam presas à maneira idealista como certa tradição filosófica se encarregou de pensar a liberdade, de maneira que a metafísica ali presente não inovaria na abordagem da ordem do existente, se foi preciso esperar a “força das coisas”, para usar a expressão de Simone de Beauvoir, e a publicação da *Crítica* para que a história invadisse o pensamento de Sartre, já que dela ele estava até então desprovido, na opinião quase unânime a esse respeito¹². Se fosse assim, o tão alardeado encontro de Sartre com o marxismo e a história deveria se apresentar pela recusa das teses presentes em *O Ser e o Nada*, o que não se verifica pelo exame do pequeno texto, *Questões de Método*, que precede a *Crítica da Razão Dialética*. Ainda se examinarmos o interior da *Crítica*, o que se vê ali é o aprofundamento de questões antes apenas lateralmente abordadas. Esta pesquisa, neste sentido, visa a preencher uma lacuna na interpretação do pensamento sartriano. Não há, ainda, um estudo realmente aprofundado de maneira a colocar em pauta o problema da unidade da obra em Sartre. Mesmo excelentes comentários ainda permanecem gerais e não exploram a evolução dos conceitos no texto de 1943 e naquele outro de 1960. Este trabalho se apresenta com este intuito.

Quando Sartre, em *Questões de Método*, explicita a posição do existencialismo em relação ao marxismo é para definir este último como a “filosofia reinante de nossa época”, frente à qual o existencialismo só poderia figurar como uma ideologia, que vive às margens da “filosofia insuperável de nosso tempo” e dela é dependente. Esse elogio que o marxismo recebe no texto que precede a *Crítica da Razão Dialética* vem seguido de uma série de considerandos, que fazem o leitor duvidar de uma mera

¹¹ Cf. a entrevista que Sartre concede, em 1971, à *New Left Review*.

¹² Bastante significava a esse respeito é a posição de um importante comentador de Sartre, Gerd Bornheim.

adesão de Sartre ao marxismo. A própria leitura do marxismo daquele tempo esmiuçada por Sartre ali causa, no mínimo, um desconforto na ortodoxia marxista. Compreendamos.

O marxismo é a “filosofia insuperável de nosso tempo” porque ele é a “totalização do saber contemporâneo”, ele é propriamente uma filosofia porque “se constitui para dar expressão ao movimento geral da sociedade”. Esses momentos de criação filosófica são raros. Sartre localiza, entre os séculos XVII e XX, três épocas de efetiva criação filosófica. Houve o momento de Descartes e de Locke, seguiu-se a esta a época de Kant e Hegel, e, finalmente, o momento de Marx. No cartesianismo, a filosofia permanece negativa, ele se encarrega de demolir a antiga ordem e apresenta uma imagem do homem e da razão compatível com aquela pretendida pela classe que começa a ascender ao poder. Esse novo homem burguês encontrará no cartesianismo e posteriormente no kantismo os instrumentos de formação da sua imagem. De maneira que a destituição que a revolução francesa operará dos privilégios do Antigo Regime será precedida por essa operação abstrata da razão. Isto quer dizer que os privilégios de nascimento tornados abomináveis a partir da revolução burguesa, já haviam sido antes dissolvidos pela razão analítica. Da mesma maneira que o lugar da fé e da religião já havia sido deslocado por esse pensamento dominante.

Com o marxismo, a classe burguesa é posta pela primeira vez na posição de defesa. O movimento revolucionário, que parecia não cessar, é imediatamente freado logo que os interesses em comum que motivaram as mudanças dêem lugar à acomodação de uma nova classe. E é do outro da burguesia, do avesso do capital que o marxismo terá de se reportar, já que o movimento geral da sociedade, assim que a

acomodação histórica da burguesia se deu, será responsabilidade da classe engendrada pela própria burguesia, esta agora guardiã dos novos privilégios florescidos com ela. Mas se o marxismo é a nova filosofia totalizadora do saber contemporâneo, por que denominar o existencialismo pelo incômodo termo ideologia¹³? Mais que isso, o existencialismo, assim como outras ideologias, não deveria ser absorvido pela filosofia reinante?

“Não convém, dirá Sartre, dar o nome de filósofos aos homens de cultura que surgem após as épocas de grande florescimento e que têm como objetivo colocar em ordem os sistemas ou conquistar, com métodos novos, terras ainda mal conhecidas, aqueles que dão funções práticas à teoria e dela se servem como de uma ferramenta para destruir e construir: eles exploram o domínio, fazem-lhe o inventário, nele constroem alguns prédios, ocorrem-lhes inclusive de introduzirem neles algumas mudanças internas; mas ainda se alimentam do pensamento vivo dos mortos importantes¹⁴.” Como sistema parasitário que vive à margem do marxismo, cabe apenas chamar o existencialismo de ideologia. Mas essa ideologia não pode ser absorvida pelo marxismo, já que ela exerce a função de enriquecê-lo por meio de um sem-número de pesquisas empíricas e concretas que foram momentaneamente esquecidas pelo marxismo. Assim como Kierkegaard afirmava contra Hegel a insuperável opacidade da experiência vivida, o existencialismo afirma frente ao

¹³ Esse mesmo incômodo suscitou a vinda de Sartre ao Brasil em 1960 para responder à pergunta formulada por Fausto Castilho: “Desde 1943 conhecemos os termos em que o senhor define o filósofo bem como os vínculos que se estabelecem, na história, entre ele e sua obra – a História, isto é, o limite intransponível ao mesmo tempo para o subjetivo e para o objetivo. Contudo, na *Questão de Método* e mais recentemente ainda na *Crítica (da Razão Dialética)*, o senhor renuncia formalmente ao nome de filósofo. Devemos perguntar se tal declaração não implica, para o senhor, em uma nova idéia das relações entre o subjetivo e o objetivo? E como dizer-se ideólogo, hoje, e, entretanto, não cair nas dificuldades que Marx assinala a propósito de toda ideologia? Em suma, é possível superar a filosofia sem realizá-la?” (SARTRE – *Sartre no Brasil – A Conferência de Araraquara*, p. 23).

¹⁴ SARTRE – *Questões de Método*, p. 22.

marxismo a irreducibilidade do subjetivo, a impossibilidade de assimilação do concreto pelo absoluto. É claro que Kierkegaard, na avaliação de Sartre, podia simplesmente figurar como um momento no sistema hegeliano, para o qual o trágico de uma vida é sempre superado, o vivido se esvai no saber. Na avaliação sartriana, as oposições entre Kierkegaard e Hegel só são superadas em Marx, quando se afirma a especificidade da existência humana, assim como o homem concreto em sua realidade objetiva. Ocorre, no entanto, que se esse elogio pode ser dirigido a Marx, cujas análises de situação¹⁵, equilibram as determinações gerais e o particular, o mesmo não se pode dizer do marxismo. Este, “depois de nos ter atraído para si, como a lua atrai as marés, depois de ter transformado todas as nossas idéias, depois de ter liquidado em nós as categorias do pensamento burguês, o marxismo, bruscamente, deixava-nos na mão; não satisfazia a nossa necessidade de compreender; no terreno particular em que estávamos, ele não tinha nada de novo para ensinar-nos porque tinha ficado parado¹⁶.” Donde a necessidade que impõe a presença do existencialismo e faz com que essa ideologia não desapareça: o marxismo caducou, separou teoria e prática e decretou a esclerose da teoria.

Sartre pretende afirmar frente ao marxismo a realidade dos homens, a irreducibilidade do homem concreto. A filosofia marxista, pensará Sartre, mesmo sendo o saber no qual estamos todos imersos, se vê impossibilitada de compreender uma subjetividade concreta. Sobre Valéry poderá afirmar apenas tratar-se de um escritor pequeno burguês, sem jamais atentar que nem todo escritor pequeno burguês é Valéry. Esse esquecimento da subjetividade está presente já no próprio Engels, como

¹⁵ Em textos como *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*.

¹⁶ SARTRE – *Questões de Método*, pp. 30 e 31.

se pode observar numa carta que ele endereça a Hans Starkenburg: “Que tal homem, e precisamente aquele, ganhe destaque em tal época e em determinado país, é naturalmente um puro acaso. Mas na falta de Napoleão, um outro teria ocupado o seu lugar... Assim acontece com todos os acasos ou com tudo que parece acaso na história¹⁷.”

Essa análise de Engels marca bem o que Sartre quer indicar quando se refere ao esquecimento da subjetividade pelo marxismo. O curioso é que esse tipo de compreensão da subjetividade humana nem ao menos pode ser atribuído a um diagnóstico de época. O próprio Napoleão, que tomamos a liberdade de citar aqui, possuía uma visão, ao menos, mais alargada acerca de seu próprio significado histórico. “Na minha carreira encontrar-se-ão erros, sem dúvida; mas Arcole, Rivoli, as Pirâmides, Morengo, Austerlitz, Iena, Friedland [todas batalhas] são de granito; o dente da inveja não pode contra elas (...) Eu aterrei o abismo anárquico e pus ordem no caos. Eu limpei a Revolução (...) E depois sobre que poderiam atacar-me de que um historiador não pudesse defender-me? (...) Enfim, seria a minha ambição? Ah, sem dúvida ele encontrá-la-á em mim — e muita; mas a maior e mais alta que jamais tenha existido: a de estabelecer, de consagrar o império da razão e o pleno exercício, o inteiro gozo de todas as faculdades humanas (...) Em outras palavras, eis, pois, toda a minha história (...) Milhares de séculos decorrerão antes que as circunstâncias acumuladas sobre a minha cabeça possam encontrar um outro na multidão para reproduzir o mesmo espetáculo¹⁸.” Napoleão se afirma frente à história ao menos como aquele que pode contar nela e não simplesmente seguir os seus desígnios. Esta

¹⁷ Carta de Engels para Hans Starkenburg, enviada a 25 de janeiro de 1894.

¹⁸ Citado por Gustavo Freitas em 900 textos e documentos de história.

aposta no indivíduo, como tendo a possibilidade da ação histórica, será um traço decisivo que Sartre não abandonará jamais. Aquela subjetividade operante, portanto, que se apresenta nas páginas de *O Ser e o Nada*, ganhará novos contornos (grupo em fusão, por exemplo, para usar os termos da *Crítica*).

A leitura que Sartre faz do marxismo não pode prescindir do reconhecimento da subjetividade como força ativa e é por isso que o existencialismo, assim como fazia kierkegaard frente a Hegel, não aceita se calar diante da filosofia reinante e totalizante, que é o marxismo. “Kierkegaard tem razão contra Hegel, tanto quanto Hegel tem razão contra Kierkegaard”. Com essa tese lapidar, Sartre, em *Questões de Método*, enfatiza a preocupação do filósofo alemão em valorizar, por via do conceito, o concreto verdadeiro, assim como não abre mão de celebrar a ênfase do ideólogo dinamarquês em não reduzir um certo real ao pensamento, em não reduzir a subjetividade ao império do Saber. “O materialismo histórico”, continua Sartre contra Lukács, “é a única forma de interpretação válida da história”, e o “existencialismo”, afirma Sartre em 1960, “permanecia a única abordagem concreta da realidade”. E o direito de cidadania do existencialismo permanece porque a situação de alienação, acredita Sartre, não é suficiente para suplantar a subjetividade. E isso ocorre porque se ao fazerem a História os homens são por ela condicionados, essa determinação não é suficiente para reduzir o sujeito dessa oração a mero sujeito gramatical. O homem vive sempre o universal como particular. “O acaso não existe ou, pelo menos, não da maneira como se imagina: a criança torna-se essa ou aquela porque vive o universal como particular¹⁹”. E é essa verdade, garante Sartre, que faz com que a subjetividade ou a liberdade, seja

¹⁹ SARTRE – *Questões de Método*, p. 56.

sempre a elaboração particular de circunstâncias gerais, que só ganham sentido depois de efetivamente encarnadas.

Ao definir a liberdade como um paradoxo²⁰ nas páginas de *O Ser e o Nada*, Sartre salientava que a exterioridade da situação só é possível se nos colocarmos imediatamente no ponto de vista do universal, bem como, a irrelevância das determinações históricas só é possível se negarmos que é sempre frente ao dado que a liberdade precisa subjetivamente se efetivar. Numa palavra, não é a ausência de determinações que nos garante a liberdade, mas sim a impossibilidade dessa liberdade recusar a elaboração do dado. E isso é tanto mais verdadeiro quanto “é verdade que o indivíduo é condicionado pelo meio social e volta-se sobre ele para condicioná-lo; é isso mesmo — e nada mais — que faz sua realidade²¹.” Devemos, assim, ao menos pôr em suspensão certa leitura corrente de *O Ser e o Nada* que vê naquela definição de liberdade apresentada naquele ensaio, a negação da história e a filiação de Sartre a um idealismo de tipo burguês. Esse diagnóstico de época deu, por assim dizer, o tom das leituras correntes da obra sartriana. Ontologia fenomenológica não poderia figurar, assim, senão como um atestado de filiação de Sartre a uma concepção abstrata de liberdade, censurável, portanto, frente à situação tenebrosa que a História humana havia, naquele momento, forjado. O chamado “encontro” de Sartre com o marxismo só poderia apontar, dessa maneira, para a confissão de que uma investigação fenomenológica é incompatível com a presença da história. O pano de fundo geral deste projeto tem por objetivo exatamente verificar, por meio do exame rigoroso das noções de liberdade e alienação, seja nas primeiras obras de Sartre de inspiração

²⁰ “Assim, começamos a entrever o paradoxo da liberdade: não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não ser pela liberdade.” (SARTRE – *O Ser e o Nada*, p. 602).

²¹ SARTRE, *Questão de Método*, pp. 63 e 64.

francamente fenomenológica seja no alardeado encontro do existencialismo com o marxismo, a validade desse diagnóstico de época, decisivo ainda hoje nas interpretações correntes do pensamento de Sartre.

A ontologia da consciência em Sartre é o cenário prévio para que o tema sartriano da liberdade possa ser adequadamente compreendido, assim como aquele da subjetividade, que transfigura incessantemente o dado. Uma consciência esvaziada de qualquer conteúdo, mesmo que a título de representação, é a condição prévia, como já apontava o pequeno *Ensaio sobre a Transcendência do Ego*, para que a noção propriamente fenomenológica de intencionalidade seja legítima. Consciência como vazio e negatividade, quer dizer, como poder de negação do dado — na acepção de que o sentido do ser é apenas por ela elaborado — mas também como poder de negação de si como projeto de fixação no ser. Negação da exterioridade e negação de si convergem aqui para a elaboração de uma concepção de liberdade que, longe de ser uma liberdade de vontade, é auto-determinar-se a querer, é autonomia de escolha. Trata-se de evidenciar justamente essa relação intrínseca entre liberdade e situação, a subjetividade e as determinações históricas. A liberdade dá o sentido da situação, assim como a situação condiciona a liberdade. É justamente essa relação paradoxal que permite a Sartre introduzir a história na própria maneira como as subjetividades efetivamente se forjam.

A prova paradigmática dessa elaboração sempre subjetiva do vivido é a ênfase que Sartre dá aos trabalhos de cujo ofício tradicionalmente se ocupa o psicólogo, como ele o fará nos textos anteriores a *O Ser e o Nada*. Em primeiro lugar, o momento de revisão da ciência do psíquico com vistas a uma adequação da psicologia a uma

elucidação de natureza antropológica. Tratou-se de conciliar psicologia e fenomenologia. Propor uma psicanálise existencial significa, também, apostar na irreduzibilidade da subjetividade, já que é só concretamente que podemos compreender um homem em luta com as solicitações do mundo. Essa aventura singular é exemplarmente mostrada nas interpretações sartrianas de biografias concretas: Baudelaire, Genet, Flaubert.

Em *Saint Genet*, tratava-se precisamente de evidenciar a liberdade como um irreduzível, uma condenação da qual não podemos nos livrar, como sentenciam *O Ser e o Nada*, sendo assim, ela precisa se revelar mesmo ali onde parecia ter alcançado seu grau zero, como é o caso de Genet²². Justamente esta obra de Sartre é confeccionada como meio de superação tanto da psicanálise quanto do marxismo. Segundo Sartre, é preciso abordar uma biografia concreta porque a psicanálise tradicional e o marxismo encontram exatamente aí o seu limite. O existencialismo pretende resgatar, assim, o diálogo entre as determinações gerais da história que, sem qualquer dúvida, condicionam o homem, e as aventuras de uma liberdade que não pode senão transfigurar esse dado. É certo que o peso da situação e o da liberdade na filosofia sartriana sofrerá modificações de ênfase, mas qualquer delas jamais se configurará como serva da outra. Resta, assim, explorar a natureza desta mudança de ênfase e o caráter da manutenção da fenomenologia nas obras que se dedicam à dialética.

Esta maneira de ver o problema da subjetividade faz com que Sartre reelabore o próprio marxismo, mesmo quando lhe oferece, como cabe a seu papel de ideólogo,

²² Veja-se, neste sentido, o trabalho que Sartre dedicará a este escritor, biografando, à sua maneira, um indivíduo cuja efetiva singularidade estava quase que destinada a não se efetivar, tamanha eram as determinações históricas e pessoais em sentido contrário.

apenas uma contribuição lateral, marginal. O todo da compreensão da história e dos homens já está ali, no seio dessa filosofia “insuperável de nossa época”, garante Sartre. A esclerose do marxismo teria, assim, seu antídoto neste protesto incansável que lhe dirige o existencialismo. Uma outra maneira de reavivar a oposição que antes de Marx colocava de lados antagônicos, entretanto não excludentes em absoluto, Kierkegaard e Hegel.

Se naquele texto que precederá a *Crítica*, Marx já surgia como sendo aquele capaz de solucionar a oposição Kierkegaard/Hegel (tinha razão contra ambos), agora não será diferente. A relação existencialismo/marxismo, feita oposição pelos marxistas tradicionais, parece, na opinião de Sartre, encontrar no próprio Marx sua resolução. Compreendamos. A cada vez que Sartre identifica problemas no marxismo, que teria eclipsado o indivíduo e tratado de maneira pouco dialética a relação entre as determinações históricas concretas e a subjetividade, ele o faz retomando textos do próprio Marx em que, analisando aspectos da situação histórica concreta, Marx teria realizado as devidas mediações entre a singularidade e a universalidade. Nesse sentido a frase de *O Dezoito de Brumário de Luis Bonaparte* é significativa: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos²³”. Veja-se que Marx afirma as duas coisas: determinações históricas e subjetividade humana. Ele não procura, de maneira apressada e fácil, resolver a tensão que, na perspectiva existencialista de Sartre, é constitutiva da relação homem/mundo. Ocorre, no entanto, que a posteridade

²³ MARX – *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*, p. 11.

marxista solucionou a tensão e o fez assumir as determinações históricas de tal maneira que quase nenhum papel restou ao indivíduo.

Sempre se poderá alegar que essa subjetividade operante que Sartre aponta em Marx é digna apenas do chamado “jovem Marx”, aquele que, nos *Manuscritos*, ainda permanecia idealista e abstrato. O “Marx maduro” não mais assentiria tal leitura²⁴. Sobre este ponto polêmico da interpretação do pensamento de Marx, por agora, apenas duas palavras: a divisão, bastante corrente, entre esses dois Marx (o chamado corte epistemológico) não é unânime na fortuna crítica de Marx (Mészáros²⁵ recusa tal ruptura); quando Sartre se refere a Marx e à dialética entre a subjetividade e as determinações históricas, ele o faz recorrendo tanto aos *Manuscritos* (1844, mas que só veio a público em 1932) quanto a *O Capital*²⁶ (1868, ao menos o primeiro volume, os seguintes serão publicados apenas postumamente²⁷).

Pelo exposto até aqui verifica-se que a aproximação de Sartre com o marxismo é também uma nova maneira de reelaborar a dialética do subjetivo e do objetivo, ou da singularidade concreta e das determinações gerais da história. Esse tema não está, de maneira alguma, ausente das reflexões anteriores de Sartre, ocorre que ele encontrará agora a necessidade de dialogar com a “filosofia insuperável de nosso tempo” (para usar os termos do próprio Sartre). Donde a necessidade, para a qual aponta esta pesquisa, de elucidar de forma rigorosa o núcleo operacional dessa aproximação: as figuras da

²⁴ Marx, num texto como o de *A Ideologia Alemã* (considerado, sem controvérsia, como um texto em que o materialismo histórico já é operante), afirma, na famosa Tese I, a importância do subjetivo contra Feuerbach: “O principal defeito de todo materialismo histórico até aqui (incluído o de Feuerbach) consiste em que o objeto, a realidade, a sensibilidade, só é apreendido sob a forma de *objeto* ou de *intuição*, mas não como *atividade humana sensível*, como *práxis*, não subjetivamente. Eis porque em oposição ao materialismo, o aspecto *ativo* foi desenvolvido de maneira abstrata pelo idealismo, que, naturalmente, desconhece a atividade real, sensível, como tal”. (MARX, *A ideologia Alemã*).

²⁵ Para este tópico verificar Mészáros – *A teoria da alienação em Marx*, págs. 198 e segs.

²⁶ Como se verifica em *Crítica da Razão Dialética*.

²⁷ Donde os problemas apontados por Raymond Aron (*O marxismo de Marx*) em basear toda a leitura de Marx em textos que não foram por ele assentidas as publicações).

subjetividade e da alienação (tomadas em seu desenrolar cronológico e lógico, quer dizer, efetivamente conceitual).

Justificativa

O conjunto da obra sartriana se caracteriza pelo seu caráter multifacetado: ensaios de psicologia, tratados de filosofia, biografias, textos de intervenção política, crítica literária, romances, teatro. Em todas essas maneiras de exposição de seu pensamento encontramos a busca incessante da afirmação da subjetividade singular concreta frente aos percalços inerentes ao ser-no-mundo. Nesse sentido, e pelo exposto anteriormente, a aproximação, inusitada para muitos, entre existencialismo e marxismo é um tópico privilegiado para a compreensão desse projeto que perpassa toda a obra sartriana. Essa aproximação é fundamental, ainda, porque ao se deter em uma filosofia da práxis, Sartre precisará lidar de maneira direta com as contradições oferecidas pela dramaticidade histórica. Essa dramaticidade, antes apenas desenvolvida em sua obra literária (assim como de maneira menos enfática em suas obras teóricas), terá agora ocasião de ser exaustivamente explorada. O filósofo da liberdade terá que afirmá-la agora frente, em suas palavras, à “filosofia insuperável de nossa época”, quer dizer, ainda que os temas da alienação e da opressão não estejam ausentes de *O Ser e o Nada*, nessa leitura do marxismo, Sartre enriquecerá aquela mesma “liberdade situada”, tão originalmente desenvolvida no *Ensaio* de 1943.

Objetivos

Trata-se nesta pesquisa de investigar as noções de subjetividade e alienação em Sartre. Esses temas estão exemplarmente desenvolvidos no todo da aproximação entre existencialismo e marxismo. No todo, ou seja, tanto em sua via polêmica quando

autores marxistas se posicionarão criticamente diante das teses sartrianas, quanto no esforço de Sartre de posicionar de maneira tensa, mas não contraditória, a ideologia da existência frente à filosofia marxista. Acompanhar a polêmica proporcionada pelas leituras dos marxistas (sobretudo Lukács e Adam Schaff), assim como o desenrolar da aproximação existencialismo/marxismo (tendo nas figuras da subjetividade e da alienação a chave de compreensão) tentada por Sartre constituem os objetivos principais desta pesquisa. Esses pontos nos farão avançar, sem qualquer dúvida, na elucidação do problemático estatuto da unidade da obra sartriana.

Plano de trabalho e cronograma de sua execução

Pretende-se desenvolver esta pesquisa no prazo de 24 meses. De maneira prática, o trabalho pode ser dividido em duas etapas, a saber:

1º. ANO – Análise das leituras marxistas críticas ao pensamento sartriano; desenvolvimento das figuras da subjetividade e da alienação em *O Ser e o Nada*;

O foco será, sobretudo, texto de autores marxistas que se posicionaram explicitamente sobre a filosofia da existência de Sartre (Lukács, Marcuse, Schaff, Lefebvre). A obra *O Ser e o Nada* será explorada de maneira a verificar a emergência das figuras da liberdade e da alienação, desenvolvidas ali sob inspiração fenomenológica.

2º. ANO – Análise da aproximação proposta por Sartre entre existencialismo e marxismo; desenvolvimento das figuras da subjetividade e da alienação na *Crítica da Razão Dialética*.

A análise dessa aproximação (existencialismo/marxismo) será fundamental porque constituirá uma espécie de resposta do próprio Sartre a seus críticos.

Coerentemente com os objetivos desta pesquisa, devemos desenvolver a investigação das figuras da liberdade e da alienação na *Crítica da Razão Dialética*.

Material e métodos

Utilizar-se-á como material de trabalho os textos de Sartre pertinentes para a elucidação da problemática existencialismo/marxismo, bem como aqueles dos críticos mais imediatos e de comentadores, que serão arrolados no item bibliografia deste projeto.

Proceder-se-á a leitura rigorosa da bibliografia, com vistas à elaboração do relatório científico ao final da pesquisa, conforme o “plano de trabalho e cronograma de sua execução”.

Forma de análise dos resultados

Os resultados do trabalho serão apresentados em forma de texto acadêmico a ser entregue ao final da pesquisa.

Bibliografia

ARON, Raymond – *Histoire et dialectique de la violence*. Paris, Gallimard, 1973.

_____ - *De uma sagrada família a outra: ensaios sobre os marxismos imaginários*. Rio de Janeiro, 1970.

_____ - *O marxismo de Marx*. São Paulo, ARX, 2005.

BEAUVOIR, Simone - *Na Força da Idade*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.

_____ - *A força das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

_____ - *J. P. Sartre versus Merleau-Ponty*. Buenos Aires, Siglo Veinte, s/d.

- BORNHEIM, G - *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- ENGELS – *Anti-Duhring*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- _____ - *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- GONÇALVES, Camila – *Desilusão e História na Psicanálise de Sartre*. São Paulo, FAPESP, 1996.
- HEGEL - *Fenomenologia do Espírito* (parte I e II). Petrópolis, Vozes, 1999, 4a. edição.
- HEIDEGGER – *Ser e Tempo*. Petrópolis, Vozes, 9ª. Ed., 2000. (2vols.).
- HUSSERL – *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa, Edições 70, 2ª ed., 1958. Tradução: Artur Morão.
- _____ - *Investigaciones Lógicas I e II*. Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- _____ - *Meditações Cartesianas*. São Paulo, Madras, 2001.
- _____ - *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d.
- KANT - *Crítica da Razão Pura*. Lisboa, Gulbenkian, 1989, 2a. edição.
- JAMESON, Frederic – *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século 20*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- _____ – *Sartre: the origins of a style*. New York, Columbia University, 1984.
- JEANSON, Francis – *Sartre*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.
- LEFEBVRE, Henry – *Existentialisme*. Paris, Ed. du Sagittaire, 1946.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin - “Metafísica e História no romance de Sartre. In: *Cult*, ano III, 34. São Paulo.
- _____ - *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo, UNESP, 2004.
- _____ - “A Transcendência do Ego. Subjetividade e narrabilidade em Sartre”. In: *Síntese*, vol. 27, n.º 88, 2000, p. 165-182.
- LÉVY, Bernard-Henry – *Le siècle de Sartre*. Paris, Bernard Grasset, 2000.
- LUKÁKS, György – *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1979.
- _____ - *O jovem Marx*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2007.
- _____ - *História e consciência de classe*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert – *Materialismo histórico e existência*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

_____ - *Cultura e sociedade (2 vols.)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

MARX – *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo, 2004.

_____ - *O dezoito de Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo, Centauro, 2003.

_____ - *O capital (3 vols.)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

MARX e ENGELS – *A ideologia alemã*. São Paulo, Boitempo, 2007.

MENDONÇA, Cristina Diniz – *Merleau-Ponty: marxismo e filosofia*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1986.

_____ - *O mito da resistência*. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice - *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo, Saraiva, 1973.

_____ - *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1999, 2a. Edição.

_____ - *Les Aventures de la Dialectique*. Paris. Gallimard, 1955.

MÉSZAROS, István – *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo, Boitempo, 2006.

_____ - *A obra de Sartre*. São Paulo, Ensaio, 1991.

MORAVIA, S. – *Sartre*. Lisboa, Edições 70, 1985.

MOUILLIE, Jean-Marc - *Sartre: Conscience, Ego et Psychè*. Paris, PUF, 2000.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos - *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo, Brasiliense/FAPESP, 1995.

MÜLLER, M. - “A má-fé e a teoria da negação em Sartre, in *Manuscrito*, vol. V, no. 2, 1982.

NOBRE, Marcos – *Lukács e os limites da reificação*. São Paulo, Editora 34, 2001.

NOUDELMANN, François – *Sartre: l’incarnation Imaginaire*. Paris, Harmatann, 2000.

_____ - *Dictionnaire Sartre*. Paris, Honore Champion, 2004.

PERDIGÃO, P. - *Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre, L&PM, 1995.

SARTRE - “Jean-Paul Sartre responde”. In: *Sartre Hoje*. São Paulo, Editora Documentos, 1968. Bernard Pingaud (org.).

- _____ - *A Transcendência do Ego*. Lisboa, Colibri, 1994.
- _____ - *A Imaginação*. In: *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____ - *Esboço de uma teoria das emoções*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- _____ - *O Imaginário*. São Paulo, Ática, 1996.
- _____ - *Diário de uma guerra estranha*. São Paulo, Círculo do livro, s/d.
- _____ - *O Ser e o Nada*. Petrópolis, Vozes, 2000, 8a. edição.
- _____ - *O Existencialismo é um humanismo*. In: *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____ - “Consciência de si e conhecimento de si”. In: *A Transcendência do Ego*, Lisboa, Colibri, 1994.
- _____ - *Situações I*. Lisboa, Europa-América, s/d.
- _____ - *Situations IX*. Paris, Gallimard, 1972.
- _____ - *Questão de método*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____ - *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002. (Tomo I)
- _____ - *Critique de la Raison Dialectique*. Paris, Gallimard, 1982. (Tomo II).
- _____ - *Cahiers pour une morale*. Paris, Gallimard, 1983.
- _____ - *Saint Genet*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- _____ - *Verdade e Existência*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- SCHAFF, Adam – *Marxismo e existencialismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- _____ - *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- SEEL, Gerhard - *La dialectique de Sartre*. Paris, Nouvelle Imprimerie Laballery, 1995.
- VÉDRINE, Hélène - “Fondement et totalisation chez Sartre”. In: *Les Temps Modernes*, n.º 531-533, Paris, 1990.
- YAZBEK, A *Nostalgia do Impossível*. Dissertação de mestrado defendida na PUC/SP em 2003.